



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista Realizada em: 17.9.2013

Local: CERES/UFRN

Entrevistados: Sandra Kelly de Araújo

Responsável pela transcrição: Mayane Ranice Costa da Rocha e Patrícia Wanessa de Moraes (bolsista)

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Alguém mais? Obrigado professora Isabel. Então vamos agora convidar a professora Sandra Kelly de Araújo, professora do departamento de Geografia.

Sandra Kelly de Araújo: Bom dia a todos. Pois não, estou à disposição. A ideia é um depoimento?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Baseado no seu depoimento a gente vai perguntando...

Sandra Kelly de Araújo: Certo. Desculpem o atraso é que nós estávamos envolvidos nas nossas funções administrativas. Meu nome é Sandra Kelly de Araújo, eu ingressei na UFRN aqui em Caicó, em 1983, como aluna do curso de Geografia. Ingressei muito jovem, com apenas 16 anos. Era uma época que o vestibular tinha um nível de exigência tal que em toda a cidade de Caicó foram aprovados sete pessoas no vestibular de 1983. E eu fui a única aprovada em Geografia. Então eu comecei sozinha no curso. Cursos com 40 vagas e eu fui a única aprovada. E nesse ano o curso que teve mais pessoas aprovadas foi Ciências Contábeis porque era o mais concorrido, tiveram três vagas, três aprovados. Já imediatamente nós tivemos uma relação com o diretor do CERES, que era

o professor Tarcísio Costa porque o dilema era esse: “vou estudar sendo a única aprovada no curso de Geografia?” e como falei, ingressei muito jovem e nossa relação com a política local, estadual e nacional era muito sutil e talvez na minha própria compreensão, tão jovem, com menos trajetória nos movimentos sociais fosse mais dispersa para os detalhes que estavam a nossa volta, que nem sempre foram muito explícitos também. Então o que eu posso dizer é que nós tivemos uma formação como licenciadas em Geografia, muito superficial naqueles aspectos relacionados à política, à sociedade e à cultura. Eu posso dizer que me formei nos moldes aqui UFRN/CERES numa Geografia que a gente chama tradicional. Essa formação não foi aleatória, ela estava vinculada a um modelo de ensino, uma proposta pedagógica nesse nível mesmo. Nós não precisávamos saber muita coisa sobre política, sobre economia, sobre cultura. Talvez aí tenha sido a expressão mais forte da conjuntura social que nós vivíamos, estava refletida na formação que nós tínhamos. Altamente superficial quando nós pensamos nesses aspectos ligados à política, economia e sociedade. Nós tínhamos um corpo docente que não avançava em assuntos relacionados a nossa conjuntura política, que nós estávamos inseridos. Mesmo, eu me lembro, quando eu conversando com meu pai sobre as disciplinas que eu ia estudar e EPB foi uma das que eu citei. Aí ele perguntou: “mas você só vai estudar essa durante um semestre?” porque estudos dos problemas brasileiros ele imaginou que devia passar uns dez anos estudando, ele brincando comigo. Talvez nós tenhamos sentido a influência, a presença, as decisões de uma forma indireta. Porque nós vivíamos num período de regime militar, de golpe militar, mas não explicitamente sentíamos, porque era uma coisa que estavam completamente incorporadas instituições, incorporada a nossa formação e nós não enxergávamos nada além daquilo. Eu, particularmente, não enxergava que podia ser diferente. Essa ideia de que podia ser diferente eu só pude experimentar quando eu terminei o meu curso e quepude fazer uma especialização e via que havia vários aspectos da ciência que eu me formava nunca que foram tratados na minha formação. Eu também terminei muito jovem, me envolvi em movimento estudantil no último ano da universidade, mas só ficou mais claro para mim que eu tinha atravessado uma formação às escuras quando eu terminei, que eu pude através de outros cursos, em contato com outros professores e aí nós já estávamos chegando, eu conclui em 86, já estávamos nos aproximando de movimentos mais claros no Brasil inteiro, que já tocava todos nós, que eu vi que muito deixou de ser feito. Ou tudo deixou de ser feito na minha formação nessa direção. E nós temos gerações aí, gerações formadas nessa perspectiva

de uma ideologia completamente distinta de outros ideais a não ser de mascarar o que nós estávamos vivendo no Brasil. Então imediatamente essa perspectiva ficou muito clara para mim... De autores que eu nunca li, de abordagens que eu nunca fiz, de discussões que nós nunca tivemos, de situações que o Brasil tava vivendo que nunca foram tratadas em sala de aula, que nunca foram discutidas em nenhuma das disciplinas da minha formação. Então esse aspecto é o que mais ressalto imediatamente, a minha vida nesse período, a minha vida universitária. Porque antes disso, como estudante de ensino médio e fundamental, isso era ainda mais disperso, os meios de comunicação, uma tarjeta dizendo que isso era censurado ou não, os conteúdos midiáticos podiam ser censurados ou não, a minha família que morava num bairro periférico de Caicó, a minha vinculação com a minha avó no clube de mães, a primeira calça jeans que eu recebi foi doação de uma família norte-americana, do programa “Aliança para o progresso”, o leite em pó que eu comi muito nas escolas, roubando leite das cantinas. Então era uma coisa muito longe e perto. Muito perto de mim, mas muito longe da minha compreensão e das circunstâncias de formação que não me proporcionavam essa reflexão. Por exemplo, no clube de mães que a minha avó participava nós recebíamos roupas, olha só, uma calça jeans. Olha só que bacana. De alguma família que doou para o Brasil porque o que era bom pros Estados Unidos era bom para o Brasil, não é? Então nós recebíamos essas migalhas, essas esmolos. E essas pessoas: “poxa que bacana, uma calça jeans”. Eu lembro de um tênis também que eu recebi e que eu fui pela primeira vez assistir a um jogo de futebol e olhava mais para os meus pés, que estavam com aquele tênis americano do que pro jogo. Então esse foi o universo que eu estava mergulhada e que não me permitia nem enxergá-lo na sua totalidade, mas aquilo que era brilhante, que era interessante, que era bom. E depois é que as cortinas vão caindo, cai uma cortina aqui, cai uma cortina acolá e a gente vai entendendo melhor em que circunstâncias nós estávamos. Então para mim foi um mergulho pessoal na medida que eu amadurecia como pessoa. Tinha notícias, mas era sempre coisas para a gente temer, por exemplo, aqui em Caicó “comunista” era um palavrão.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Não era só em Caicó, não.

Sandra Kelly de Araújo: Se você chamasse alguém de comunista era quase como uma acusação. Na minha circunstância. Por exemplo, a minha avó, quando via alguma coisa errada dizia, “isso é comunismo”. Um short curto era comunismo, uma garota grávida de um homem casado era comunismo, então comunismo era uma coisa para gente ficar

longe dele porque era sempre relacionado à depravação, a coisas erradas, em linhas gerais. E aos poucos eu fui vendo que não era bem assim, você tem um mundo todo para descobrir que você está inserido, submetido, subordinado e você não tem nem condições de dialogar com ele porque você não tem elementos para dialogar com ele. Aí a universidade se prestou a esse serviço, então eu acho que essas são minhas impressões iniciais sobre o assunto e como fundos, pessoa que amadurecia e tendo oportunidade de ter outras fontes, outros interlocutores e aí a gente vai descobrindo que as coisas eram muito mais amplas do que nós imaginávamos. Meu pai temia às vezes pela segurança por conta de uma outra literatura que nós líamos, por exemplo, *Brasil nunca mais*. Ele achava que eu devia esconder aquele livro e não devia estar à amostra na minha estante, que era alguma coisa que eu devia esconder porque ele temia alguma repressão. Ele entendia, ele conhecia a repressão e entendia. Eu não, eu era uma jovem... Lia *As veias abertas da América Latina* de Eduardo Galeano, era sempre uma bibliografia que ele achava que eu devia esconder, podia até ler, mas não podia explicitar. Então eu vivi nessas circunstâncias na minha juventude, ingressando aqui em 83 e saindo em 86. Acho que eu podia começar nossa conversa com isso.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Muito obrigada pelo depoimento. Foi interessante porque eu acho que foram dois perfis diferentes, se eu não estou enganado. Eu tenho uma mania de querer interpretar as pessoas, mas acho que foi. E dentro dessa minha interpretação eu quero fazer uma observação, não é nem uma pergunta. Posso fazer uma comparação das duas, né? Isabel teve uma militância na Igreja, antes de ingressar na universidade. Antes e durante. E o perfil dela como aluna era diferente do seu. Você não é nada que eu estou vendo que o seu perfil hoje é de uma democrata, mas na época você era, posso até usar a expressão “alienada” porque não teve a oportunidade. Você estava fazendo seu depoimento e eu pensando: Você era a estudante padrão que a ditadura militar queria.

Sandra Kelly de Araújo: Recebi até uma medalha como boa aluna.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Não pensava, só estudava Geografia. No início achava que aquele currículo e metodologia que ensinava estavam ótimos para aprender Geografia... e só depois do processo é que você tomou conhecimento.

Sandra Kelly de Araújo: Essa Sandra simplesmente eu acho que abandonei. Ela cresceu. Eu posso dizer que ela cresceu na medida que eu amadureci, por exemplo,

enquanto Isabel, minha colega, também posso usar o nome dela aqui, o meu contexto era um, o dela era outro. Meu contexto era de esportes, eu era atleta, meu contexto era outro. As circunstâncias, nesse sentido, nos afastou e em um momento aproximou. O movimento estudantil só entrou na minha vida já quando eu estava saindo da universidade e aí nos passos seguintes eu via como a minha formação foi limitada. Muito limitada de modo que eu via que aqueles quatro anos foram quase que inúteis na minha vida, mas foi um amadurecimento que eu só alcancei posteriormente. Se eu pensar na minha vida dos 16 aos 20 anos aqui eu vou apontar várias limitações na minha formação nessa direção. Nessa direção da análise da conjuntura que nós vivíamos, da política, da economia. Em meus anos iniciais como professora de Geografia que também negavam a dinamicidade da sociedade. Então só progressivamente que nós fomos recebendo elementos que nos fizeram mudar, crescer. Eu penso assim. Eu acho que tem várias gerações que estiveram na minha situação e que não tinha elementos para mudar, nós não tínhamos exemplos, nós não tínhamos... Quer dizer, nós não os víamos. A pastoral universitária, nesse momento, com a presença de Dom Helder Câmara apoiando esses trabalhos foram já saindo daqui, saindo da universidade.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Obrigado. Na sequência do professor Almir, quem quiser fazer perguntas, vamos já questionando aqui a professora Sandra.

Almir Bueno: Achei interessante o depoimento tanto de Isabel quanto de Sandra porque elas pegam esse período dos anos 80, que é um período que eu tenho observado que na comissão tem sido sub-representado porque a gente tem pegado muitos depoimentos do pessoal dos anos 60 e 70 que são muito importantes, mas como depois da anistia parece que a coisa se arrefecia e houve o momento pós-anistia e então eu acho que está pouco representado. Aqui deu pra gente ver um pouco essa questão de que nos anos 80 ainda existia vida após a morte. E nesse sentido era uma pergunta que eu queria fazer até pra você e pra Isabel, mesmo que em situações diferentes como doutor Ivis colocou. Em 1984 é o movimento das “Diretas Já” então eu estava no estado de São Paulo, recém-formado, todo movimento. E eu não vi ainda assim de que maneira veio esse movimento aqui na universidade, aqui em Caicó, se teve participação, não teve, como foi. Nos anos 80 que teve o pontapé, a reviravolta para a eleição indireta, colégio eleitoral, mas enfim, como foi para vocês essa questão das “Diretas Já”?

Sandra Kelly de Araújo: Olhe, particularmente, para mim, foi algo para assistir na TV. Eu não me lembro de movimentação generalizada aqui na cidade em função desse movimento. Eu acho que foi muito pequeno e eu não estava nele. Diferente de Isabel que provavelmente estava mais próximo.

Isabel Cristina dos Santos: Acho que teve um ato público, mas eram poucas pessoas. No geral se conseguiu um transporte para ir para Natal, para a capital, fazer movimentações lá na praça cívica. Eu tenho até algumas fotos. Uma parte das fotografias desse momento foram queimadas por um colega nosso porque existia uma incompatibilidade muito grande entre o Pcdob e o PT. E aí acho que brigavam mesmo, confrontavam mesmo. Nem parecia que tinha uma linha mais ou menos parecida, mais socialista, mais comunista... Aí eu soube que depois que passaram os anos 80 e então aqui na universidade, aquele prédio ali, que tinha o setor orçamentário, foi uma reivindicação do diretório acadêmico, aí juntou o batalhão que deu material pro diretor e construíram o prédio lá pra gente. E depois então, quando o Pcdob e o PMDB assumiram a direção do diretório acadêmico, parte da documentação que tinha anterior foi toda queimada, inclusive com um historiador no meio, que é João Inácio. E quem me contou isso foi Esmeraldina, que é uma historiadora. Aí eu soube. Cadê as fotos do diretório acadêmico que tem todo aquele período da história da universidade? Eu soube que foi queimado porque todo arquivo da universidade teria que ser queimado. Porque não comporta, porque a universidade não tem como deixar arquivo chamado “arquivo morto”. Então toda essa documentação foi queimada.

Moisés Alves: Então quer dizer que aqui não teve essa mobilização?

Isabel Cristina dos Santos: Não. Assim, o sindicato, a EMEC – que hoje é o Sinte – chamava associação, o sindicato de trabalhadores rurais, o MEB, o PT muito juntos, eram quase as mesmas pessoas, o Pcdob, a rádio rural... alugávamos um caminhão, colocávamos no centro da cidade, pedíamos permissão à Polícia Militar, colocava num sábado de feira. É tanto que ainda tem na parede lá da liga de Caicó, vizinho ao centro de saúde, ainda tem uma pichação da constituinte de 88. Em alguns lugares ainda têm as pichações que eram feitas.

Celso Luiz Souza: Deixe-me fazer uma colocação não diretamente com isso, mas devido ao movimento estudantil, nesse período de 80 até 84, 85, inclusive as meninas participaram quando alunas e a pergunta vai para você, representante do DCE, o

movimento aqui era intenso. Quando aconteciam as eleições, não sei se isso aí era como uma prova, mostrar o movimento ao regime – nós existimos, nós estamos aqui – não sei se era isso, mas aqui era intenso, tinha passeata, tinha charanga, tinha mais de uma chapa registrada e a coisa era pra valer. Hoje não. Hoje quando se diz: vai ter eleição pro DCE, pro DA em Caicó. E vale? E tem isso? O movimento de vocês – me desculpe se eu estou dizendo besteira – só aparece nesse período então será que é porque já conseguimos? Não existe mais aquela repressão. Será que é por isso? Porque era um movimento grande. As meninas participaram e eu tive alunos que diziam “professor eu não vou assistir aula porque eu vou me engajar, vou me envolver”. Eram passeatas aqui neste CERES para cima e pra baixo, de tarde e de noite. Hoje não, a coisa é fria. Aí é interpretação da minha parte. Será que é porque na época tinha repressão, tinha aquela dificuldade, a gente queria aparecer, quero mostrar, quero sair disso. Hoje como já conseguiu... será que é por isso? Eu fiz apenas uma colocação para refletir.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Deixa eu fazer aqui uma pergunta: será que nessa época, essa polarização não traduzia essa política tradicional local?

Isabel Cristina dos Santos: Quanto a isso, esses movimentos que surgiram agora, nos últimos três meses, numa das discussões que a gente fazia naquele período era: quando chegarmos ao poder, se a esquerda chegar ao poder, a tendência mais próxima a Lula, que era a articulação, quando chegar ao poder, o que é que vai fazer? Permanecer no aparelho do estado? Eu lembro que havia discussão dessas teses dentro do partido e é tanto que ficamos administrando o poder local ou nacional. Essas mobilizações que existem agora são mobilizações de esquerda, de direita, de centro, de quê? Mineiro postou lá no portal dele trezentas frases em torno disso, talvez eu esteja exagerando. Cento e cinquenta frases do que se reivindica nesses protestos de rua hoje. De tudo que você imaginar de absurdo ou de impossível tem nessas frases.

Almir Bueno: É, eu vivi esse período aí que você falou, Isabel. Porque eu era do Pcdob também, antes da eleição de Lula, os dois se juntaram. Mas antes realmente, nem pareciam que eram de esquerda. Era um querendo pegar o outro. Eu acho que os tempos mudam e aí gente tem que tentar entender o que está se passando. Ninguém vai fazer aqui uma aula de sociologia ou de história, mas realmente da época que a gente fazia movimento estudantil eu vejo algumas manifestações, eu digo: “minha nossa!!!”. Pedindo fora partido político. São coisas assim que pra mim eram inadmissíveis. Hoje a

gente, como cientista social, historiador, geógrafo, como pensador, a gente tem que tentar entender, mas realmente é difícil. Agora foi criado um CA de história aqui, teve eleição semana passada, mas à duras penas, uma coisa sim que na nossa época era aos borbulhões.

Celso Luiz Souza: Mas é um motivo para refletir, viu... o movimento não acaba.

Juan de Assis Almeida: Eu não entendi o que o sr. disse. O movimento antigamente era permanente. A todo momento os estudantes estavam brigando... aí a visão de você como professor é que só em momento de eleição o DCE se mostra. Mostra suas reivindicações.

Celso Luiz Souza: Não só meu pensamento, mas é notório. Aqui no CERES é assim.

Juan de Assis Almeida: Quem está de fora pode ter essa visão, mas quem está dentro dos diretórios acadêmicos, centros acadêmicos e DCE tem uma visão diferente. O DCE participa de todas as instâncias de deliberação, conselho de centro, o movimento estudantil, o conselho estudantil é permanente.

Celso Luiz Souza: Eu fui do Consepe bem umas quatro gestões – alternadas – mas é exatamente isso que eu estou falando. Aqui no CERES, me desculpe, mas eu vou ser bem claro e bem sucinto, só aparece na época de eleição. Fui coordenador muito tempo, acompanho meus alunos. E a gente nota isso. O que eu estou dizendo não é pensamento meu e corroborando isso. Quando vai ter eleição para o DCE principalmente, aí eles aparecem. Pedem apoio de vários cursos, aqueles cursos maiores, mais envolvidos. Contábeis, Geografia...

Juan de Assis Almeida: Mas isso é natural, porque o movimento não é homogêneo, se você for pegar a direção do campus central, cada centro acadêmico tem um posicionamento.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Quem tem que fazer o movimento é o pessoal daqui, não tem que esperar que ninguém venha de lá não.

Celso Luiz Souza: Concordo, mas se não tem apoio de ninguém, está entendendo? Por que que antes era mais presença? O que é que houve?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você me desculpe, mas eu estou vendo

como um fator positivo.

Almir Bueno: A gente não pedia sala para se instalar, se instalava no primeiro lugar que tinha lá. Já hoje eu vejo reivindicações como “tem que ter uma sala com computador, com tudo instalado”.

Celso Luiz Souza: Vejo aluno dizer que não quer assistir aula porque o ar não está funcionando. A questão do ar em Caicó sempre foi prioridade, mas veio aparecer acho que há uns dez anos, menos talvez. Mas o aluno chega hoje e diz, que eu já ouvi: eu não vou assistir aula hoje porque o ar está desligado, uma quentura danada, “num” sei quê. Aí eu disse pra ele: “quem quer aprender vai pra debaixo da árvore, se reúne”. Aí eu disse pra ele: “você conhece a história do ‘de pé no chão’? Você vai ser um licenciado, vai dar aula”. Aí ele disse: “conheço não nem quero saber”.

Juan Almeida: Antigamente se lutava por liberdade de expressão, né? Falar e ser ouvido e todas as instâncias da universidade lhe respeitar. Hoje em dia a política universitária estudantil mudou. A gente exige melhores condições de estudo, todo tipo de apoio ao universitário, bolsa, residência. A política estudantil mudou...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Mais alguém? Então primeiro eu quero agradecer ao professor Almir e à direção do CERES por essa oportunidade, pela iniciativa dele, agradecer aos presentes, aos membros da Comissão da Verdade que aqui estão, a Kadma, aos técnicos que nos acompanharam e, sobretudo, aos três depoentes que foram muito importantes para nós. Quem está afastado, como eu, que nem conhecia o CERES, o depoimento de vocês foi muito importante para a Comissão da Verdade para mim pessoalmente. Eu estou tendo aqui o prazer. Já vim à Caicó a trabalho, durante esses últimos 50 anos algumas vezes, mas meu primeiro dia de trabalho como médico foi aqui, em Caicó, no hospital do Seridó, na época da fundação Cespe. Eu vinha dizendo aqui a ele que tenho certeza que naquela época – e isso não é uma crítica a Caicó, é uma crítica a todos nós, gestores e médicos do sistema único de saúde – era muito melhor do que hoje. Eu sei porque fui duas vezes secretário de saúde. Então eu estou tendo aqui um prazer muito grande de estar de volta, respirando Caicó. Provavelmente vou ter um almoço regional e à tarde vocês estão convidados para a segunda etapa aqui. Nós vamos ter monsenhor Ausônio Tércio, Salomão Gurgel, João Batista de Brito e Joseilson Ferreira, às 14h.